

RENAZENCA

b

FOLHA LITTERARIA

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR MEZ

ASSIGNATURAS

PROVINCIAS	
Por tres meses.	25000
Por seis	35000

ASSIGNATURAS

CORTE	
Por tres meses.	1500
Por seis	2500

REDACTORES

Santos Junior, Avellar Andrade, Athanasio de Almeida e
Teixeira Duarte.

REDACÇÃO — RUA DE S. CLEMENTE 138

ANNO I

RIO DE JANEIRO, 15 DE SETEMBRO DE 1878

NUM. 3

EXPEDIENTE

Aos nossos assignatarios rogamos o especial favor de remetter-nos a importancia de suas assignaturas pelo correio.

Os originaes enviados a redacção não serão devolvidos.

RENAZENCA

Rio, 15 de Setembro de 1878.

A humanidade avança e orgulhosa quer tocar a uma meta invisivel; ambiciona e esquecendo o seu nado, a sua pequenez, quer chegar ao infinito.

Tem rasão.

Deus deu-lhe a rasão.

E era preciso que, criando Deus o homem, lhe desse essa poderosa arma, essa bussola que o guiasse no caminho de seu dever, essa divisa que o differenciasse do resto da criação.

A humanidade avança!...

Avançará sempre!

Os séculos na sua veloz carreira correm-n'a e passam, vão e não voltão mais. E ella, sofrendo todas as modifi-

cações que lhe tem sido feitas, e continuando sua marcha progressiva, crea o que muitas vezes o tempo destroeu!

Sempre lutando com o mundo desde o principio ella tem sido vencedora.

A todas as revoluções que se têm operado, a todos os passos que se têm dado na senda do progresso, ella tem assistido.

A ella deve-se tudo, pois ella é tudo.

Seus actos são regidos pela razão, que, tendo o principal papel em seu ser, aponta-lhe o Creador: eis o seu norte, diz-lhe.

E ella obedecendo a uma lei divina marcha para approximarse do Creador. Luta, remove o mundo, crea seres impossíveis, imagina grandes infinitas, inéas e tudo quanto a mesquinha inteligencia humana pode conceber para chegar até Deus, Deus que se diz ser o Infinito!

Impossível!

A Deus não se chega!

Sempre activa, ella tenta e a razão, escrutinio severo de seus actos, diz-lhe que basta approximarse.

Deus está além da comprehensão humana.

Misterio!

Nas faces lia-se-lhe o sofrer moral, infindo, sem remedio.

Senti uma comunhão violenta ao vê-lo. Tinha-o conhecido bello, com uma saude robusta, sua fronte sempre activa, aonde parecia resverver uma grande inteligencia e agora encontrava-o extremamente magro, as faces pallidas e encovadas, acanhado, sem luz nos olhos como o moribundo sem esperança.

Tive dó e compaixão d'elle.

Disse-lhe ter abandonado os estudos e passava para esquecer lembranças de episódios tristes que já o havião prostrado n'um leite onde esperava a morte, resignado e ao mesmo tempo satisfeito, porque estava aborrecido da existencia e só na eternidade poderia encontrar alívio aos seus males. Eu escutei-o taciturno e commovido.

Augusto pediu-me para visitá-lo a miúdo.

NOTICIARIO

O Sr. Ernesto V. da Silva Machado, nosso prestatioso amigo, de hoje em diante fará parte da Redacção do *Renascença*. Muito nos alegramos com a aquisição de um tão esperanzoso talento.

O Club Escolástico Litterario, sociedade dos estudantes do Collegio de S. João Baptista, a que pertencemos, reunir-se em sessão em 4 de Setembro para a nomeação da directoria, ficando esta assim composta:

Presidente, Avellar Andrade.

Vice-presidente, B. Teixeira.

1º Secretario, Santos Junior.

2º Secretario, Vieira da Silva.

Thesoureiro, Theophilo de Oliveira.

1º Orador, T. Duarte.

2º Orador, A. Neves.

Procurador, A. Americo.

Bibliothecario, J. Matta.

Comissão de syndicância, Alfredo Augusto, Sebastião Dias e E. Machado.

Jornais — Recebemos o Diario de Campos, o Piracicabano, Actualidade, Bas pendy, Museu Litterario e o Mosaico. Agradecemos.

Assim o fiz e n'um dessas ocasiões pude ouvir-lhe a sua narração de sua vida.

«Orphão na idade de tres annos nunca meu peito pode sentir o calor virtuoso de uma mãe, não tive os affagos de um pae, não tive uma irmã que unisse a sua face à minha, que me enchugasse as lagrimas quando ellas resvalassem-me pelas faces. Passei minha infancia entre estranhos que não comprehendiam a falta de uma mãe para me darem, em vez de indifferentismo, carinhos e affagos e parte de minha mocidade, como sabes, no viver monotono de um collegio.

Quando d'elle sahi, fui para S. Paulo, cursar a academia de direito.

Ali estive quatro mezes, arrastando uma vida insípida, sem gozo algum. Não tinha relações e vivia sosinho, de brucado sobre os livros entre as quatro paredes de um quarto.

FOLHETIM

AUGUSTO

por

R. dos SANTOS JUNIOR

Augusto tinha 19 annos, quando o conheci. Fomos companheiros internos de collegio e ahi travei com elle relações da mais intima amizade, d'essa amizade sem interesse, leal, verdadeira que se adquire no veredor dos annos.

Do collegio sahimos ao mesmo tempo; elle para se matricular n'uma academia e eu para continuar os estudos n'uma província do Norte.

Passaram-se então dois annos sem o ver.

Ha dias casualmente encontramo-nos. Augusto estava pallido e cadaverico.

Alguns dos nossos assignantes têm nos feito reclamações que até hoje não tiverem recebido os numeros antecedentes. Só ao correrão podereis attribuir esta falta que nos é bastante prejudicial a qual levamos ao conhecimento do Illm. Sr. Director Geral dos Correios e esperamos ser attendidos.

LITTERATURA

O HOMEM POR SI SE FAZ

O homem por si se faz. É esta uma verdade incontestável, uma asserção irrefragável.

O homem foi posto no mundo sem o conhecimento do mal; inocente, em sua cabeça reflectia a sabedoria divina, porém, todo elle era livre.

Desde o fatal momento em que transgindo a lei do Senhor, colheu o pomo prohibido colheu também a razão, o conhecimento do bem e do mal e a *perfectibilidade*, e por isso Deus o deixou livre em todos os seus actos e pensamentos, afim de se guiar no caminho da verdade.

— O homem nasce e com elle o seu destino, — dizem os fatalistas.

— O homem nasce livre e é livre em todo o seu viver — dizem os verdadeiros sábios. Será porventura admittida a doctrina dos fatalistas?

Não contém ella em si um erro tão visível?

Deus, o justo por excellência, poderá conceder a innumeraes recomensados, a suprema felicidade, a outros o infortúnio e a desgraça?

Um dia vi uma mulher, formosa como as mais bellas virgens de Raphael.

Apaixonei-me por ella e confessei-lhe o meu amor.....

Margarida correspondera-me e eu passava uma existência..... tentando-me de esperanças que julgava ver em breve realizadas.

O meu amor por Margarida era uma loucura. Só n'ella pensava e possuía era a minha unica ambição...

Decorreram seis meses. Tive de vir à corte aonde me chamavam para tomar posse dos bens que meus pais me haviam deixado.

Infelizmente fui obrigado a demorar-me. Excuso dizer te, quanto não sofrí a lembrança d'ella, que ha tanto tempo não via, quantas noites d'insomnias não perdi a futurar castelos para a minha felicidade, felicidade que ella deveria partilhar,

Ilusões !...

De volta soube que Margarida tinha-se casado...

Era um raio que me vinha despedaçar a existencia.

Não. Deixaria de ser justo desde que agisse de tal modo, o que é um impossível.

O homem, dizem os *fatalistas*, é como o planeta, que necessariamente ha de descrever a orbita que lhe fora traçada pelo destino; nesse caso sendo o homem incapaz de lutar com o seu fado, que culpa terá se commetter um crime, por mais atraç o revoltante que seja?

Nenhuma, porque elles mesmos asserão que as leis do destino são inalienáveis.

Não é isto uma doctrina contraria a todos os principios de moral e bom senso?

A fatalidade não existe.

O poder a que dão o nome de *fatalidade*, é o desenho que o homem tem de si mesmo, deixando-se espontaneamente levar pelos degraus do vicio e da maldade, até se despenhar nos insondáveis abysmos do crime e da malvadez. O homem tem obrigação imposta pela lei da natureza de sofrer suas paixões, e se assim o não fizer sua perda será certa.

Se o homem commete um assassinato, um roubo, um crime qualquer, é porque não soube ou antes não quis reprimir em seu coração os primeiros impetos de sentimentos maus, e desta sorte entregou-se espontaneamente ao domínio das paixões, que se multiplicam e o vão arrastando para o abysmo se um arrependimento vivo e sincero não o detém e faz recuar.

O homem nasce feliz e venturoso, e essa felicidade o acompanha até que seja banida por elle mesmo.

Passa o homem da infancia a puericia sem ter consciencia do seu viver; vem

Pensei em Warther e hesitava porque o suicídio é uma fraquez e eu devia recusar o golpe profundo que ella me vibrava, devia desprezal-a, engronhal-a com o meu indifferentismo.

Retrei-me d'aqueles lugares e fugia d'ella. Biqueava na minha dignidade porque, amava-a muito.

Tornei-me um perdido. Procurei o vicio e engolhí-los n'ella, como o frágil batel que se sobra no oceano.

Ainda na mocidade gangrenava eu o coração; ao contacto do vicio matei os sentimentos nobres que n'ella desabrochavam; embriaguei-me no torvelinho dos prazeres e estraguei o coração na impureza das paixões.

Entretanto em momentos lucides que me deixava o desvario d'vida, sentia caminhar para um abysmo fatal; a lembrança da mulher que eu amava e que me desprezava era como que um impulso a proseguir na vida devassa que havia tomado.

E entranhei-me mais no rugir veiginoso da orgia, nas noites em delírio dos bordéis, no som dos cantos messalinos, ao bater confuso das taças espumantes,

depois a adolescencia, e nessa epocha feliz da vida é que o futuro se oferece a nossa imaginacão com risenhas e desumbrantes cores. É uma manhã de primavera com seus sorrisos e raios de esperanças, que velão as tristezas e amargores dos dias ainda afustados do rude e sombrio inverno. Nessa epocha feliz da vida humana é que se deve desarraigar do coração todo o malo sentimento, enquanto suas raizes não se tecem e corroboram com o decorrer dos annos e o habito da maldade.

Nas artes, nas letras, na sciencia e na posição social tambem o homem por si se faz.

O Pantheon da imortalidade está cheio, e quem o encheu? Foi a *fatalidade*?

Nascerão já esses genios para ser imortalizados?

Não trabalhassem elles, não se esforçassem tanto quanto se esforçarão a ter visto o poder do *fato*. A historia nos apresenta inumeros exemplos de homens, que nascidos no mais obscuro recanto da plebe, a poter de esforços, fidelas e insano pensar, erguem-se quaes gigantes perante os séculos que os adiante.

Não nos é preciso volver as paginas da historia para encontrarmos genios que por si, só por si, se imortalisarão; basta olharmos para o Norte do Novo Mundo e ahi havemos de ver um Benjamin Franklin.

Quem foi Franklin?

A principio um simples e pobre typographo em Inglaterra e mais tarde entao em sua patria a custa dos seus proprios

tes. Esqueci dos meus deveres de homem e calquei a minha dignidade; aos vinte e nove annos meu coração estava mhydrado.

Seccava-se ao sopro dos vendavaes do vicio, no abysmo do qual me havia lancado o desprazo de uma mulher.

Lembrava-me ás vezes de minha mãe e chorava... recordava-me una irmã inocente a beijar me e a sustentar na queda quando me aproximei da voragem do mal.

E em vez das preces da mãe carinhosa, em vez dos soluços da irmã inocente, que nunca tivera, mas com que sonhava, ouvia rescar bem perto a voz dos perdidos e das cantoras das mulheres sem alma.

E o desvario, a embriaguez e a devassidão que procurei, para esquecer-me de Margarida, matara-me o corpo.

Hoje estou mais perto do tumulo, mas tenho no peito a regeneração.

As descrenças fugiram-me e o resto da consciencia, que ainda pude salvar das noites infernaes, mostrou-me radiante a luz da salvação.

Rio, 2 de Setembro de 1878.

esforços e insaciável ambição, um dos descriptores, dos legisladores e dos sabios de que mais se orgulha a America.

Como Franklin, se immortalisaram esses genios de que tanto nos fala a historia.

Alfredo Neres.

O LIVRO

O livro tem um magico poder; inflama-nos o coração, deslumbra-nos o espírito, incita-nos a imaginacão, impressiona-nos, e influa soberanamente em nosso carácter.

Altera-o, modifica-o, ora melhorando-o e exaltando-o, ora rebaixando-o e pervertendo-o.

Um bom livro é um tesouro precioso, nestinável.

Um mau livro um inimigo perigoso.

Devemos, portanto, nós os homens, e sobretudo o bello sexo, este sexo adorável cujas qualidades caracteristicas são a sympathy, a affeção e a delicadeza, este sexo em cujo carácter predominia a sensibilidade e em cujas deliberações imperam os impulsos do coração, devemos, diziam os nós, acercar-nos d'aquele e repelir este.

Correm ahi pelo mundo muitos livros bellos na forma, brilhantes no estylo firmados por nomes verdadeiramente illustres e celebres, por nomes que não devem viver eternamente na memoria dos povos, mas repletos de theorias subversivas.

São semelhantes aos vistosos fructos do lagr. Asphaltite.

São productos de imaginações exaltadas, de cerebros escaldados, offuscados pelas clarões coruscantes da glória, de sonhadores utopistas, que a força de espiritualizar a materna e de materiализar o espírito, acabam por cair em extremos opostos: em um mysticismo romântico inconcebível, ou em um realismo cego e revolhante.

Estes extremos são sempre prejudiciais e funestos.

D'ahi o exagero e as monstruosidades dessas duas escolas que se degladiam — a romântica e a realista.

Entre estes livros — verdadeiros fructos do Asphaltite — os que desenvolvem a these da regeneração da mulher pelo amor, tem sido fatais a humanidade.

Elles tem lançado no caminho lamentoso do vicio — monstro horrípilante que attrahe e devora — muita alma candida, porém fraca e impressionável.

Elles tem feito derramar muita lagrima, lagrima de dor, de desespero e de vergonha e muito sangue...

Elles tem aberto a uns as ferreas portas do carcere, a outros as poyorosas portas da eternidade e a uns e outros as negras portas da deshonra e da infamia!

A modos que mancha a honra é indeleivel.

O amor, ainda o mais nobre, o mais desinteressado, o mais sublime, não consegui apagá-la.

O amor pode erguer a mulher o todo das sentinas do vicio, onde ella se arrastava e fuzel-trilhar a senda da honestidade, nós o concordamos.

Mas este crysol purifica de todo os erros e das infamias do passado?

Não; atenua-os apenas.

O passado é um morto vivo.

E' um grande espelho que temos sempre diante dos olhos.

Elle está ahi sempre presente a consciencia, como um phantasma aterrador, a recordar-nos os desvarios e as infamias.

O passado é implacavel!

Não é uma utopia a influencia que o livro exerce no carácter do individuo e até mesmo no das nações.

Ao contrario é uma verdade palpavel, inconcussa.

Entraí no lar, prescutai-lhe a vida intima e versai a influencia benéfica plantada pelos bons livros e os estragos causados pelos maus.

Abri a historia este grande livro da humanidade.

Compulsai-a.

Foi o livro que matou a cavallaria na Hespanha; foi o livro que preparou e fez a revolução francesa esse grande cataclismo social, que derrubou o trono dos netos de S. Luiz e de Henrique IV; foi o livro que reconduziu ao trono a familia de Napoleão o Grande.

O livro é o verdadeiro soberano do Universo.

O seu poder é indisputável, é eterno.

O.

cia. — Livro 2º: Pantagruel, rei dos dipados, feito ao natural, com factos e proezas admiraveis pelo falecido Alcfríbas Nasier, abstractor de quinta essencia. — Mais outros tres livros; ao todo cinco. Tal é a extensão d'esta agradável epopeia.

Chimico sobrehumano, Rabelais trabalha no laboratorio do infinito.

Elle é o medico universal.

Esta universidade é não só de fundamento como de forma. E' o pensamento do livro.

Scienza universal, benevolencia universal, humanidade, tolerancia, respeito ao pensamento e sangue humanos, consolação, esperança, alegria, fazer rir aos que choram, sanar o corpo e a alma; amar as creanças que são a promessa; ajudar aos anciãos que são a lembrança; edificar sobre a tradição o templo da amizade, do trabalho, e da paz; compor os fundamentos de toda a scienza do passado, e assentá-los em sua alma fecunda e venerável, tal é a obra de Rabelais.

Elle vai mais longe que a Reforma e toca a Revolução.

Canta como Luthero e ri como Voltaire.

Comprehende, como os convencionais, que a escola é uma fabrica de almas. Igual aos grandes legisladores elle quer tornar tudo pela base, reformar a humanidade pela educação.

Tal é em sua simplicidade luminosa e graça abundante, o pensador, o moralista, o genio civilizador, o pae da educação religiosa e livre, o propheta.

Um descriptor disse que a mulher é a consciencia do homem. E eu acrescento que é o pael. Rabelais precisa pudor, mas posse os dois grandes caracteres dos homens de genio: originalidade e universalidade.

Pelo seu estro brilhante e liberdade de espírito, elle é o ante-passado de Molieire, de la Fontaine, de Lesage, de Voltaire, de B. J. Courier e de Beranger, hecclero dos trovistas, compadreiro de Francisco de Villon. Por seu amor pela infancia e seu profundo instincto das leis e educação, descendente de Socrates, de Platão, de Xenophon, de Platuarto e outros; anuncia Rollin Socke, Coudoret e Sakana: A ironia socrática une-se n'ella, no riso de Pantagruel; sua abbadia de Théâtre d'Academus e das escolas criadas pela Convenção nacional.

Entrae! funda-se aqui a fé profunda.

Catholicos, protestantes, israelitas, filhos do concilio de Trento, confessores da Dieta de Augsburgo, filhos de Moysés e David, se os dogmas separaram nossos pares, que as idéas nos reunam e nos reconciliem! esqueçamos nossas controvérsias e nossas coleras! Em nome da vossa santos e de vossos heroes, eu vos conjuro! Se vossas synagogas, vossos

PARTE SCIENTIFICA

RABELAIS

Rabelais nasceu em 1483, a uma legua de Chinon, na Touraine « puz ameno, sereno, aprazivel » em uma quinta de seu pao, hotelero rico, estabelecido mesmo em Chinon, sob a firma de Lampion.

Sua educação começo no convento dos beneditinos de Souillé, onde em um certo dom Bumard, encontrou o protótipo de João des Entombeures.

D'ahi, passou ao mosteiro de la Bassette, perto de Angers; depois a universidade da mesma cidade. Finalmente entrou como noviço para o convento de Fontenay-le-Comte, em Pouza, edição da ordem de S. Francisco, onde recebeu o sacerdicio em 1514.

Na idade de 40 annos, estudou medicina na facultade de Montpellier. Os livros, a observacão, a natureza já o tinham iniciado. Em 1532, formado em medicina, mas, não doutor, nos o encontramos em Lyon onde o esperava Etienne Bolet. Ali na typographia de Grifinus, trabalhou em algumas dessas maravilhosas edições do seculo XVI, particularmente nas de Hypocrates e Galiano.

Morreu cura de Nedou, não em seu curato, mas em Paris, a 9 de Abril de 1553, em uma casa da rua dos Jardins, bairro de S. António.

Segundo uns, morreu sceptico, segundo outros, ateu.

Sua obra intitulada: A vida de Gargantua e de Pantagruel, divide-se em duas partes principaes: Livro 1º: a vida desregrada do grande Gargantua, pae de Pantagruel, outr' ora composta por Alcfríbas Nasier, abstractor de quinta essencia.

templos e igrejas foram lugar de discordia e arsenaes de guerra, se a casa de vosso Deus foi a origem de odio, que a escola seja a da amizade !

Amemo-nos sobre estes bancos de pau eude reina a igualdade. Teremos muito tempo para nos odiar.

Sejamos irmãos na escola para que o sejamos na vida e na morte !

T. DUARTE.

POESIA

MORRER !

As nuvens cambiantes que no espaço,
Ligeiras se adelgação resvalando,
A folhagem que oscilla docemente,
Ao roçar da aragem, murmurando,

O rochedo sombrio, nù, medonho,
Cujo altaneiro pico os ares fende,
A branca vela do barqueiro, ao longe,
O mar irado que a meus pés se estende :

A cascata que muge, a lha clara,
Que pratela campinas e florestas,
A flor, o pipilar dos passarinhos,
A luz, a escuridão, risos e festas ;

O sol poente a desmaiá nos montes,
A sombra do meu corpo—spectro mudo—
A relva, o musgo, o palmeiral ativo,
Tudo que toco e vejo, tudo, tudo ;

Parece-me dizer: —«Curva a cabeça !
A grinalda de flôres redolentes,
Que enge tua fronte, bem depressa,
Sem vicio rolará pelas torrentes !»

Morrer ! morrer ! morrer ! Eu sou tão moço !
E sinto tanta seiva no meu peito...
Tanta amor, tanta vida, tanta crença...
Tanta esperança no porvir,—immensa...
Morrer ! não quero do sepulcro o leito.

Morrer ! quando se tem :—
De venturas sem fim, que amor ressumbrão
Quando create se teo fitos os olhos
N'um futuro rosado e sem escolhos,
Nos louros e na glória que deslumbrão !

E depois ver-se tudo n'um momento
Envolver-se nas trevas !—A ventura
Transformar-se—da irma no pranto ardente...
Gloria e louros—em goivo atroz, silente...
E o futuro—no chão da sepultura !

Ai ! guarda a prenda da aliança eterna...
—Teu beijo ardente ou frio causa medo—
Oferta-a a outrem de viver cançao...
Despe as brancas roupagens da noivado...
O' noiva de além-mundo, é muito cédo !

Eu quero ainda o clarear da lha,
Ao ciciar da brisa, entre mil flores,
Nos fios dos cabellos ondulantes
Do ideal que sonhei—febricitantes
Os labios estalar beijos de amores.

Quero sentar-me inda uma vez, ao menos,
—Ponto e falgado caminheiro—
A' doce sombra do meu lar, contente;
E lá no fundo do sertão ardente
As contigas ouvir do buadeiro.

Ai ! guarda a prenda da aliança eterna...
—Teu beijo ardente ou frio causa medo—
Oferta-a a outrem de viver cançao...
Despe as brancas roupagens da noivado...
O' noiva de além mundo, é muito cédo !

Eu fico triste o sol, fico o horizonte ;
O sol me ofusca a vista e no infinito
Confunde-se o horizonte n'um abraço...
Mas eu quero mais luz e mais espaço !
Quero ar, quero vida : enve o meu grito.

Rio, 1878.

Porque me odeias ? por não ir as sallas
Dizer-te fallas ou beijar-te a mão ?
Pois é mais fácil provocar um rolo
Fingir-me tolo, mas lá isso não...

Dá-me o teu odio, mas em grão subido...
Olha eu sentido o saberei soffrer
Dá-me o teu odio já que assim o queres
Ou se preferes o poderás reter.

Dá-me o teu odio mas em grão subido
Quo elle invertido, quer dizer amor
Dá-me o teu odio mas em grão subido
Anjo fingido, coração traidor...

Alfredo Paulo de Oliveira.

Se eu não te amasse com intenso amor
Vingado estava por te ver soffrer,
E grandemente exultava ativo
Na hora infeliz do teu padecer.

Mas, triste penso no martyrio teu
E lembro sempre o dia saudoso
Que passamos amor protestando,
Sonhando um porvir todo ditoso !

A culpa é tua que perjura, ingrata
Quebraste o elo d'um sancto amor
Buscando gloria n'um rico amante
Nelle encontraste o desprezo, a dor !...

E tarde... arrepender não podes
Do erro fatal que commetteste,
Humildemente soffrer tu deves
O amante intiel que tu escolhestes !

Tu não deves lamentar a sorte
Que livremente procuraste ter,
Na morte indomita, imiga auaz
Acharás alivio p'ra o teu soffrir !...

Vieira da Silva.

Rio, 1878.

M***

«Forget me not. »

Não t'esqueças de mim quando bem longe
Estiveres scismando nos amores
Oh ! lembra-te d'aquellas bellas tardes
E recorda o passado que é de flores...

Recorda-te daquellas noites puras,
Que a lha visitava magestosa,
Quando, tu desfolhavas com deleite,
Assentada no banco, a linda rosa !

Era bello querida... eu te beijava
Sentindo no meu peito ardente amor;
E, sorrindo, fortava-me os teos labios,
Deixando nelles ver da rosa a cor !...

Oh ! lembra-te, querida, dessas flores,
Das scenas que passamos no jardim
E quando recordares os amores
Te peço que — Não t'esqueças de mim !

Avellar Andrade.

Rio — 1878.